

Ano 21 • Número 28 • 15 de julho de 2019

**Queda do número de empresas leva país ao menor nível desde 2009**

**Indicadores apontam uma ligeira abertura comercial da indústria do RS**

**Exportações industriais do RS encerram o 1º semestre em queda**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Queda do número de empresas leva país ao menor nível desde 2009

O IBGE divulgou, ao fim de junho, as estatísticas referentes ao Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), que reúne dados de empresas e outras organizações (administração pública e entidades sem fins lucrativos) formalmente constituídas no país, registradas no CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Sua atualização ocorre anualmente e com dois anos de defasagem, a partir das pesquisas econômicas anuais do IBGE, nas áreas de Indústria, Comércio, Construção e Serviços, e de registros administrativos, como a Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério da Economia.

Em 2017, foram registradas 5,02 milhões de empresas e outras organizações ativas no país, uma redução em relação às 5,05 milhões verificadas no ano anterior. A queda de 0,4% é a segunda consecutiva, e leva o Brasil ao menor número de empresas desde 2009, quando estas totalizavam 4,85 milhões. Já quando comparada ao pico (5,39 milhões) atingido em 2013, no entanto, o número de organizações fechadas foi bem maior (-363,1 mil), assinalando uma redução de 6,7% de seu estoque, período que foi marcado pela grave crise econômica.

Ao considerar a divisão por natureza jurídica, observamos que as entidades empresariais perderam 323,7 mil unidades em relação ao pico, ao mesmo tempo que foram fechadas 40,7 mil entidades sem fins lucrativos e mais 1,3 mil da administração pública.

Considerando apenas as entidades empresariais, o pior desempenho setorial foi observado no Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (-314,2 mil), seguido pela Indústria de transformação (-48,3 mil). Ressaltamos que somente o segmento de Artigos do vestuário e acessórios foi responsável por 37,6% do total de empresas fechadas do setor de manufaturas.

Em consequência desse quadro, o pessoal ocupado total caiu 5,9% em relação a 2013, assinalando uma destruição de 3,55 milhões de postos de trabalho no período considerado. Entre as entidades empresarias, a Indústria de transformação foi a mais afetada, perdendo um total de 1,31 milhão de trabalhadores. Por sua vez, o contingente de trabalhadores do setor de Construção reduziu em 1,29 milhão, enquanto o Comércio, setor que mais fechou empresas segundo o levantamento, aparece como o terceiro setor que mais registrou diminuição nos postos de trabalho (-768,3 mil).

Os resultados mais recentes da pesquisa do IBGE, portanto, indicam mais uma vez a persistência dos impactos negativos da recessão econômica do biênio 2015-2016 sobre a economia brasileira, especialmente no setor privado. Ademais, a dificuldade do País em retomar a trajetória de crescimento econômico pode retardar ainda mais a recuperação de parcela dos empregos.

## Indicadores apontam uma ligeira abertura comercial da indústria do RS

Um modo de avaliar o grau de integração da indústria do Rio Grande do Sul à economia mundial, bem como seu grau de exposição a choques externos, se dá pela apuração dos Coeficientes de Abertura Comercial. De acordo com a CNI, ao menos duas métricas são adequadas: o Coeficiente de Exportação (CE), que representa a parcela da produção da Indústria de transformação destinada às vendas externas, e o Coeficiente de Penetração das Importações (CPI), que mede a participação de importados no consumo aparente (soma do valor bruto de produção industrial e importações, descontada às exportações).

Historicamente, observamos que o CE da Indústria de transformação gaúcha é mais elevado em comparação à indústria nacional. Esse resultado denota não apenas a vocação exportadora da indústria gaúcha, mas também a maior sensibilidade quanto a conjuntura de seus parceiros comerciais, como é o caso da crise Argentina, que impactou de forma mais severa as exportações do Estado. Tabaco (80,5 pontos) e Celulose e papel (40,2 pontos) destacaram-se como os setores mais voltados para o mercado externo em 2018.

Por outro lado, o CPI da indústria brasileira é superior ao Rio Grande do Sul para toda a série histórica, resultado que põe em evidência o maior

adensamento da cadeia produtiva da indústria local. Entre os segmentos, Coque e derivados (38,6 pontos), Veículos automotores (34,8 pontos) e Químicos (27 pontos) apresentam os maiores CPI's.

Nos últimos cinco anos, a evolução de ambos os índices apontam para uma ligeira abertura do comércio na região. De 2014 a 2018, o CE assinalou um crescimento médio de 3,5%, indicando um aumento da relevância do setor externo para o setor secundário do Estado. Fatores como a expansão econômica de alguns dos principais importadores de manufaturados produzidos no Estado e também a desvalorização (-14,5% em termos reais) da moeda brasileira favoreceram o avanço do coeficiente no período avaliado.

Em contrapartida, a indústria do Rio Grande do Sul parece ter perdido algum espaço para os competidores internacionais no mercado doméstico. O CPI cresceu, em média, 3,2% no último quinquênio, indicando um incremento da participação de produtos importados no mercado consumidor gaúcho. No entanto, deve-se olhar com cautela para este último indicador, pois nem sempre as importações registradas para um estado têm como destino o consumidor final na mesma localidade.

## Exportações industriais do RS encerram o 1º semestre em queda

O recuo nos embarques é disseminado entre os diversos setores da indústria gaúcha.

O resultado da balança comercial, divulgada pela FIERGS na semana passada, aponta que as vendas externas da indústria do Rio Grande do Sul encerraram o 1º semestre de 2019 com uma queda de 0,6% em relação ao mesmo período do ano anterior, totalizando US\$ 6,2 bilhões ao fim de junho.

Entre os segmentos da indústria, a redução das exportações, no acumulado de janeiro a junho, foi marcada essencialmente pelo desempenho negativo dos segmentos de Máquinas e equipamentos (-40%), Veículos automotores (-21,2%) e Produtos alimentícios (-16,7%).

Quanto aos produtos comercializados para as duas primeiras categorias, houve uma diminuição tanto nas vendas externas de Máquinas e aparelhos para uso agrícola (-33,2%) como para Automóveis de passageiros (-42%). Em ambos os casos, a Argentina, segundo destino no *ranking* de exportações de bens manufaturados do Estado e que passa por uma grave recessão econômica, foi a grande responsável pelo recuo na aquisição de bens dos setores mencionados. No total, o País vizinho diminuiu as importações de mercadorias produzidas no RS em US\$ 433 milhões na comparação com o 1º semestre de 2018.

O setor de Alimentos, por sua vez, teve a maior contribuição para a queda semestral, haja vista o tamanho de sua participação no setor exportador do Estado, onde o somatório de suas mercadorias representaram 14% da pauta em 2019. O setor sofre com os efeitos ambíguos da peste suína que assola a produção de proteína animal na China: se, por um lado, as exportações do Complexo carne, impulsionadas pelos embarques de Carne suína *in natura* (+29,4%), voltaram a crescer (+1,9%) no 1º semestre de 2019 após dois semestres consecutivos de queda, por outro, as vendas externas do Farelo de soja, insumo utilizado na produção de proteína animal, retraiu em 34,9%. Ademais, o Óleo de soja, outro produto que integra a categoria, também assinalou uma forte retração semestral de 56,9%.

Em geral, observamos que o recuo das exportações encontra-se disseminado entre os diversos setores da Indústria gaúcha. Através de um índice de difusão de crescimento das exportações do setor secundário – mensurado pelo número de setores que registraram alta nas vendas externas mensais em relação ao mesmo período do ano anterior – verificamos que, ao longo da primeira metade de 2019, o desempenho setorial dos embarques mensais tem ficado consistentemente abaixo da média histórica (crescimento nos embarques de 14 setores), exceto maio, quando 19 categorias registraram avanço, embora o resultado seja produto da base de comparação deprimida em razão da Greve dos Caminhoneiros. O quadro de estagnação das

exportações de produtos industriais gaúchos só não é mais grave porque três setores assinalaram crescimento expressivo: Coque e derivados (+462,5%), Celulose e papel (+61,6%) e Tabaco (+27,2%). No entanto, é preciso olhar com bastante ponderação para este resultado. Enquanto o desempenho do setor de Celulose deve-se, exclusivamente, ao valor atípico embarcado em janeiro (US\$ 423 milhões), o aumento das vendas dos produtos do Tabaco no 1º semestre estão atrelados a fatores logísticos: parcela dos embarques destinados à China e programadas para a segunda metade de 2018 não se concretizou pela indisponibilidade de contêineres, sendo realizada apenas nos primeiros meses de 2019.

Por sua vez, as importações do Estado somaram US\$ 805 milhões nos primeiros seis meses de 2019, assinalando um decréscimo de 14,1% sob esta mesma base de comparação. Entre as Grandes categorias econômicas, apenas o segmento de Bens de capital registrou crescimento (+3,7%), em parte por conta do aumento na aquisição de Tratores agrícolas (+13,4%). Em contrapartida, a diminuição das importações de Naftas (-35,1%), Óleos brutos de petróleo (-34,1%) e Automóveis (-57,1%) foram determinantes para que as categorias de Bens Intermediários (-5,4%), Combustíveis e lubrificantes (-33,3%) e Bens de consumo (-44%), respectivamente, recuassem em relação ao acumulado do ano em 2018. Após avanço em quatro semestres consecutivos, as importações parecem responder ao desempenho moderado da atividade econômica do País na primeira metade de 2019.

Quanto às perspectivas para o segundo semestre, os empresários industriais do Rio Grande do Sul esperam um aumento da demanda por exportações nos próximos seis meses. O indicador de quantidade exportada, divulgado na última Sondagem Industrial, atingiu 52,8 pontos – valores acima de 50 pontos indicam uma expectativa de aumento das vendas externas futuras. Parcela desse otimismo, ainda que mais moderado em relação ao início do ano, se sustenta por conta das boas perspectivas de crescimento do PIB de alguns dos principais parceiros comerciais do RS e da trégua na Guerra Comercial sino-americana. Em relação a Argentina, o país segue com problemas internos e ainda há muita incerteza quanto ao resultado das eleições presidenciais em outubro, o que deverá limitar as exportações de produtos industrializados do Estado para o País vizinho.

Por outro lado, esperamos uma recuperação das importações no segundo semestre, já que a indústria do RS deve reagir positivamente ao cenário doméstico por conta do encaminhamento da Reforma da previdência e outras medidas já sinalizadas pelo Governo.